

IMAGENS DOS SUJEITOS AUTOR E DESTINATÁRIO DA OLIMPÍADA DE LÍNGUA PORTUGUESA ESCREVENDO O FUTURO

Tatiana Simões e Luna¹

O Programa Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro*, realizado pelo Centro de Estudos em Pesquisa, Educação e Cultura e promovido pelo Ministério da Educação e pela Fundação Itaú Social, tem por finalidade melhorar o ensino da escrita em escolas públicas, a partir da formação docente em serviço e da promoção de um concurso bianual de textos para os alunos. Em sua quinta edição, realizada em 2016 e por nós analisada em nossa tese de doutoramento (LUNA, 2019), a OLPEF investiu bastante na produção de propagandas e de textos informativos impressos – cronograma, pôster, cartaz, notícias e reportagens – e audiovisuais – filmes publicitários, vídeos tutoriais – que parafraseiam e complementam as informações fornecidas pelo regulamento.

E é partir desses dados, bem como do Caderno do Professor (LAGINESTRA, PEREIRA, 2016), material que guia toda a sequência didática do Programa, que tentamos apreender as imagens da OLPEF enquanto sujeito-autor dos discursos e dos destinatários por ela implicados, professores, alunos e secretários de educação. Em suma, nosso objetivo principal é reconhecer as imagens dos sujeitos autor e destinatários materializadas nos discursos didático e propagandístico da edição de 2016 da OLPEF.

No quadro teórico da análise do discurso pecheutiana (ADP), as imagens são entendidas como representações elaboradas a partir da conjuntura social, e não meras projeções individuais (PÊCHEUX, 1993). Tome-se A como o sujeito produtor do discurso, B como seu interlocutor e R como o conteúdo temático, temos, no que concerne ao sujeito produtor: a imagem do lugar de A para A; a imagem do lugar de B para A; a imagem do ponto de vista de A sobre R. Do lado do interlocutor, temos: a imagem do lugar de B para B; a imagem do lugar de A para B e do ponto de vista de B sobre R (PÊCHEUX E FUCHS, 1997). Na leitura de Courtine (2009), são as formações imaginárias que designam o lugar (posição social) que os sujeitos atribuem um ao outro, a imagem que eles fazem do seu lugar, do lugar do outro e do próprio discurso.

Os sujeitos são, portanto, assujeitados, interpelados a ocupar um lugar no sistema de produção pela ideologia, constituindo-se como um efeito da linguagem. Para a ADP, os sujeitos posicionam-se em lugares sociais determinados pelas formações discursivas, que integram, por sua vez, certas formações ideológicas, as quais são, em última instância, condicionadas pela infraestrutura socioeconômica (PÊCHEUX, FUCHS, 1997). Ao mesmo tempo, eles são clivados, divididos entre o consciente e o inconsciente, sofrendo a ilusão de ser o centro do sentido e de ter o monitoramento do fio discursivo (PÊCHEUX e FUCHS, 1997).

¹ Doutora em Linguística e Professora Adjunta do Departamento de Educação da UFRPE.

Dadas as limitações espaciais deste trabalho, selecionamos dois exemplares do discurso propagandístico da OLPEF, o cartaz e o fôlder, e um do discurso didático, o Caderno do Professor, para demonstração da análise dos dados. Em todas essas produções discursivas, consta a logomarca do programa. O colorido do nome “Olimpíada” evoca a memória dos anéis olímpicos, cujas cores representam as diversas nações do mundo, bem como a bandeira do movimento LGBT (ou LBTPQIA+), composta pelas cores do arco-íris, para mostrar a diversidade humana.

Tais letras coloridas, levemente desalinhadas, que grafam Olimpíada remetem à ideia de ludicidade, de pluralidade das pessoas e dos saberes envolvidos e da dinamicidade exigida pelo concurso aos participantes que precisam adaptá-lo à sua realidade escolar. Destoando da leveza visual e gráfica desse termo, a caixa alta em “Língua Portuguesa” confere um tom formal e sério à indicação da disciplina escolar e da nomeação com que ela vem sendo historicamente instituída e reconhecida.

A dupla perspectiva pedagógica também se faz notar no qualificativo “Escrevendo o Futuro”. O verbo no gerúndio traz indícios dos principais objetivos do Programa simultaneamente: incentivar a prática da escrita dos alunos na escola e estimular os professores a investir na metodologia da sequência didática, acompanhando o processo de aprendizagem discente. Não é à toa que a expressão é grafada manuscrita e acompanhada por um lápis, indicando a atividade em curso dos destinatários para os quais se volta o enunciado: os professores a escreverem seus diários e relatos, e os alunos a escreverem suas produções textuais.

As cores do lápis idênticas às do Banco Itaú, azul e laranja, promovem, dentre outros possíveis efeitos, o de que é através dessa instituição que os participantes delineiam seu futuro, ou de que o Itaú oferece as condições para que eles possam construir seu futuro, ou ainda de que o Banco fornece os meios para que a Olimpíada, com todas as suas implicações para o ensino-aprendizagem de língua primeira, se realize, apagando o papel do poder público e da própria instituição escolar, que sofre uma série de contingências, no Programa.

A acepção “o Futuro” que complementa o verbo escrever, recupera à memória o discurso antecedente da escola como espaço de preparação e qualificação do aluno para uma etapa posterior e, conseqüentemente, do conhecimento como algo que será útil quando o aluno estiver adulto, na universidade ou no mercado de trabalho, e não como algo significativo para ele enquanto jovem, para a sua realidade concreta e para o momento histórico-social em que ele se encontra.

Assim, o discurso da OLPEF situa-se na tensão entre os imaginários de um programa educacional tecnicista que visa à formação de educandos para o futuro, atendendo aos interesses do capital e das instituições financeiras – no caso, do Banco Itaú –, e a de um programa educacional libertador e crítico que considera a singularidade e o saber de professores e educandos, estabelecendo um elo com sua realidade. São dois posicionamentos discursivos conflituosos, imbricados na mesma logomarca, que se fazem revelar em outros discursos informativos, educativos e propagandísticos do Programa.

O cartaz e a capa do fôlder retratam uma cidade habitada por pessoas das mais diversas idades, etnias, gêneros e profissões realizando atividades cotidianas. O *slogan* “Do lugar de cada um o saber de todos nós” reforça esse discurso visual de valorização da realidade e da cultura local, da coletividade e do saber compartilhado, pois retoma o tema geral proposto para o concurso de textos – “O lugar onde vivo” – e afirma que, a partir dele, cada participante revela um conhecimento que é parte integrante do saber acumulado da humanidade. O colorido das pessoas, em contraste com o branco que ilustra o ambiente e as construções, realça a pluralidade de destinatários que a OLPEF visa a alcançar na escola e na comunidade.

No entanto, o discurso do cartaz e do fôlder implicam o professor enquanto principal destinatário do Programa, haja vista que é ele quem realiza a inscrição e efetiva sua realização na escola por meio das oficinas. Os convites do cartaz, para que o professor utilize os recursos didáticos do Portal em sala de aula, e do fôlder, para que ele desenvolva as oficinas e “aprimore o ensino e a aprendizagem da língua portuguesa!”, podem promover o efeito de que ele não é capaz de construir estratégias e recursos tão eficazes quanto os do Programa para a didática da língua primeira.

A modalização deôntica através do modo verbal imperativo é recorrente ao longo dos parágrafos desses textos: “analise”, “considere”, “promova”, “volte”, “aproveite”, “veja”, “aprofunde”. Ainda que essas formas injuntivas sejam características do estilo verbal desse gênero, a conclusão reforça a ideia de que o professor necessita de tutela para exercer seu trabalho. Essa visão de um professor não autônomo, pouco capaz de gerir seu próprio fazer pedagógico, é reforçada pelo discurso didático do Programa.

É o Cenpec, enquanto agente executor das instituições responsáveis pelo Programa, quem determina os conteúdos e ações formativas e os modos de desenvolvimento do concurso. Não por acaso o material didático é praticamente anônimo. Os nomes das autoras do Caderno do Professor (LAGINESTRA, PEREIRA, 2016) não são mencionados na capa, nem mesmo no texto de apresentação. Eis o paradoxo, isto é, o conflito entre duas formações discursivas no fio discursivo da OLPEF: cobra a presença de marcas de autoria nos textos dos professores e dos alunos, conforme os critérios de avaliação da crônica (LAGINESTRA, PEREIRA, 2016), mas praticamente interdita a autoria do material didático, já que não há um nome próprio (ou vários) a se responsabilizarem pelas palavras escritas.

Apenas a ficha catalográfica do Caderno traz a indicação das autoras, ao lado de todos os demais profissionais envolvidos com a publicação, em sua maioria, pertencentes ao Cenpec, que é destacado como coordenador técnico do Programa. No rodapé dessa ficha, aparecem as logomarcas dos patrocinadores da OLPEF, a Fundação Itaú Social e o Ministério da Educação. A indicação dessa parceria não é neutra. Retomada no texto de apresentação, marca a adesão ao discurso neoliberal de que o Estado deve se desonerar de certas responsabilidades sociais, aliando-se ao mercado e ao modelo de gestão de empresas privadas para administrar e financiar o que antes era considerado estritamente do controle da esfera pública: “A união de esforços do poder público, da iniciativa privada e da sociedade civil visa um objetivo comum: proporcionar um ensino de qualidade para todos” (LAGINESTRA, PEREIRA, 2016, p.3).

O discurso da parceria oculta um outro, o da ineficiência do Estado em administrar sozinho as

questões educacionais. Mais do que isso, o Cenpec se autoqualifica como entidade representativa da sociedade civil, dissimulando o fato de que recebe suporte financeiro de uma fundação empresarial, atendendo, portanto, aos interesses do mercado e da economia do capital. O sujeito do discurso, nesse caso, é afetado pela ilusão de monitoramento do fio discursivo, produzida pelo efeito de ocultação parcial da relação com o outro, por meio da colocação de fronteiras entre o dito e o rejeitado e pelo uso de formas subjetivas (PÊCHEUX, FUCHS, 1997).

A capa do Caderno do Professor traz a ilustração de um senhor negro, de óculos, calvo, cabelos grisalhos e desgrenhados, vestindo um casaco verde, um cachecol esvoaçando ao vento e trajes brancos. O homem está sentado em um pequeno barco, iluminado na dianteira por um lustre e na traseira por algumas lâmpadas penduradas no mastro. O barco navega pelos arredores da cidade, repleta de moradias, casas e apartamentos, com suas janelas iluminadas, alguns postes de luz, placas e árvores nas ruas. E é para esse cenário que o velho homem olha adiante, sorrindo discretamente enquanto faz anotações.

O título do Caderno do Professor, “A ocasião faz o escritor”, produz, em nossa leitura, dois efeitos de sentido dissonantes, um ligado à pedagogia do dom, para a qual a boa escrita depende do talento do aluno, que precisa apenas da oportunidade (“ocasião”) para exercer sua habilidade, e o outro ligado à natureza do gênero crônica, que pauta seu conteúdo temático em um evento corriqueiro, reforçando, assim, o discurso visual da Capa.

O fundo laranja remete às cores centrais do Banco Itaú, azul e laranja, também presentes na logomarca da OLPEF. Temos aqui a construção visual da atividade que se espera dos alunos participantes da Olimpíada: incorporar a função social do cronista que extrai do universo ao seu redor, da simplicidade das coisas a motivação para escrever. O escritor é alguém que assume uma posição externa, está próximo, mas ao mesmo tempo fora da realidade que tematiza, observando e registrando o que convém ao seu projeto discursivo.

Como mostra a ilustração, navegando por esse universo, ele o ilumina com suas próprias ideias e reflexões e é por ele iluminado. A lâmpada dianteira, estática, parece apontar a tomada de direção, de rumo, enquanto o cachecol e as lâmpadas posteriores balançando ao vento apontam a liberdade da escrita, a efusão de ideias que vêm à sua mente. Assim, deve agir o aluno ao se comprometer com a tarefa de produzir uma crônica sobre o lugar onde vive: olhar o seu bairro, a sua comunidade como um observador externo para dali extrair a singularidade das coisas, dos fatos e das pessoas; definir seu projeto de escrita e acrescentar elementos-surpresa.

O desenho remete ao tema proposto pela Olimpíada e ao próprio título dado ao Caderno do Professor sobre o gênero crônica. O problema dessa ilustração é que ela mostra um espaço urbano, negligenciando a localização geográfica de milhares de jovens participantes que habitam no campo, em comunidades ribeirinhas, em aldeias indígenas e em zonas florestais.

A figura do velho escritor que toma notas em seu caderno também remete a um ideal distante dos jovens que manuseiam celulares, tablets e notebooks para pesquisar, fazerem seus registros e interagir.

Evoca grandes escritores do século passado como Carlos Drummond de Andrade e Mário de Andrade, que eram homens cultos e letrados, no sentido tradicional, bem diferentes dos jovens do século XXI e de suas práticas de (multi)letramentos. E essa distância fica ainda mais acentuada, ao menos para os estudantes do Norte e do Nordeste, pela indumentária de inverno.

No que concerne à imagem do professor, este é tomado como o mediador entre o conhecimento teórico presente no Caderno e a aprendizagem dos alunos. Porém, a ele não é conferido o papel de formulador ou de coautor da proposta didática. O texto introdutório do Caderno apresenta sucintamente os objetivos, a metodologia e as ações do Programa: “O MEC reconheceu no Programa Escrevendo o Futuro a metodologia adequada para realizar a Olimpíada”; “Apresenta uma sequência didática (...) favorecendo o desenvolvimento de competências de leitura e de escrita”; “Sua escola recebeu esta Coleção que poderá ser permanentemente utilizada, não apenas na preparação para a Olimpíada” (LAGINESTRA, PEREIRA, 2016a, p.3, p.5).

Essa discurso de afirmação da qualidade do Programa, de certo modo, descredencia os professores, já que nem sua formação nem sua prática são suficientes para garantir o cumprimento dos objetivos da OLPEF, pois é o Caderno quem as efetiva: “As atividades propostas (...) viabilizam o trabalho em sala de aula” (LAGINESTRA, PEREIRA, 2016a, p.3). O discurso do prefácio do Caderno, de autoria de Joaquim Dolz, reverberam esse posicionamento, aconselhando o professor acerca do uso desse material didático: “Cinco conselhos me parecem importantes para os professores que utilizam esse dispositivo como modelo e desenvolvem com seus alunos as atividades aqui propostas.” (DOLZ *in* LAGINESTRA, PEREIRA, 2016, p.14).

O pesquisador inicia o prefácio estabelecendo uma analogia entre os ideais de democracia e igualdade social dos jogos olímpicos e o combate ao fracasso escolar e ao iletrismo promovido pela Olimpíada, enaltecendo sua proposta. Porém, corrobora com o discurso conservador de que a escola, ou melhor, o domínio da leitura e da escrita garante a ascensão social, ao considerar que “Um cidadão que não tenha essas duas habilidades está condenado ao fracasso escolar e à exclusão social” (DOLZ *in* LAGINESTRA, PEREIRA, 2016, p.10).

Esse discurso neoliberal estende-se à visão do aluno² como um sujeito que precisa se adequar às demandas do mercado de trabalho, ou seja, se assujeitar e ocupar uma posição que colabore com o funcionamento desse sistema. Os objetivos de ensino postulados se voltam para o mundo do capital e para a adaptação às necessidades sociais já instituídas, e não para o fortalecimento das identidades sociais e da criticidade. Eis o retrato do chamado letramento autônomo ou funcional³. Ilustra tais aspectos a passagem

² Sabemos que outros fatores concorrem para o insucesso escolar e a exclusão social, como: o trabalho infantil e a ocupação laboral precoce; o abandono e a (des) estruturação familiar; condições socioeconômicas e histórico- culturais do aluno, da família e/ou da comunidade; condições de saúde física e mental do aluno e de sua família; infraestrutura, organização e filosofia de ensino das escolas; formação precária do corpo docente; entre outros que interferem no processo de ensino-aprendizagem da escrita.

³ O letramento autônomo ou funcional crê que a escrita, independentemente do contexto, tem o poder de promover a ascensão social e o desenvolvimento cognitivo do indivíduo, bem como de propulsar o crescimento socioeconômico dos

abaixo:

Mesmo que os alunos não almejem ou não se tornem, no futuro, jornalistas, políticos, advogados, professores ou publicitários, é muito importante que saibam escrever diferentes gêneros textuais, adaptando-se às exigências de cada esfera de trabalho. O indivíduo que não sabe escrever será um cidadão que vai sempre depender dos outros e terá muitas limitações em sua vida profissional. O ensino da escrita continua sendo um espaço fundamental para trabalharmos os usos e as normas dela, bem como sua adaptação às situações de comunicação. (DOLZ in LAGINESTRA, PEREIRA, 2016, p.11)

Esse posicionamento, como toda posição discursiva, é determinado pelo lugar social ocupado pelo autor, professor da Universidade Genebra que desenvolve pesquisas e materiais didáticos para o ensino de língua primeira na Suíça Romana, onde possivelmente a escolarização e o letramento asseguram um melhor *status quo* e condições sociais e profissionais dignas.

Trata-se de uma realidade histórico-social dissonante da nossa e um fator revelador da mentalidade colonial ainda dominante nas instituições brasileiras que importam modelos europeus para formulação de políticas públicas, como se fossem a solução para nossos problemas sociais. De forma indireta, ele elenca algumas prescrições do trabalho docente na OLPEF: adotar a metodologia da sequência didática genebrina, promover atividades diversificadas de leitura e escrita e usar a Olimpíada como estímulo para combater o iletrismo.

O professor, à revelia de sua formação, de suas condições de trabalho, das necessidades e possibilidades de seu alunado, de seu contexto socioeconômico e cultural, da dinâmica da organização institucional em que atua e do currículo imposto por esta, é interpelado a realizar essa proposta metodológica. Ao longo do texto, Dolz vai “instruindo” o professor a adotar determinadas estratégias didáticas para trabalhar leitura e escrita, ou seja, ele é visto como um profissional que precisa de alguém que lhe oriente, por não dominar o seu próprio agir laboral: a atividade de ensinar.

Em síntese, podemos afirmar que a OLPEF se filia a uma formação discursiva neoliberal que nega a autonomia do sujeito docente e oculta as diferenças entre os diversos contextos escolares, ao definir os conteúdos e as metodologias por meio da produção e distribuição dos materiais didáticos, especialmente dos Cadernos que trazem as aulas prontas para serem “aplicadas” pelo professor. A formação propiciada pelo Caderno e demais materiais olímpicos tem caráter utilitário, pois o intuito é preparar o professor para que os alunos atinjam os resultados esperados. Estamos diante de um Programa neotecnista que, calcado na lógica capitalista e mercantil, supervaloriza os meios, em detrimento dos sujeitos e dos contextos, como condição de seu sucesso, de sua qualidade e eficácia.

A adoção de um tema comum para todos os participantes parece destoar desse discurso, na medida em que oferece uma condição igualitária de participação no concurso. Porém, o princípio de dar a todos uma base igualitária é fundamentado no discurso neoliberal e meritocrático de que, dadas as mesmas oportunidades, a obtenção dos resultados esperados depende do próprio indivíduo, de seus esforços e

países. Contrapõe-se, assim, à definição de letramento ideológico segundo o qual a escrita está ligada às estruturas de poder socialmente instituídas e está associada a diversas práticas culturais.



talentos. Assim como o professor, o aluno é responsabilizado pela sua vitória ou fracasso olímpico. Ou seja, os sujeitos são responsabilizados pelo seu resultado, sem se levar em conta as condições socioeconômicas em que vivem, as disparidades regionais e escolares e os conflitos culturais existentes, dentre outros aspectos.

REFERÊNCIAS

COURTINE, Jean-Jacques. A estranha memória da Análise do Discurso. In: INDURSKY, Freda; LEANDRO FERREIRA, Maria Cristina. (Org.) *Michel Pêcheux e a Análise do Discurso: uma relação de nunca acabar*. São Carlos: Claraluz, 2005, p. 25 – 32.

LAGINESTRA, Maria Aparecida; PEREIRA, Maria Imaculada. *A ocasião faz o escritor: caderno do professor: orientação para produção de textos*. 5. ed. SP: CENPEC, 2016.

LUNA, Tatiana Simões e. *Ensino do gênero crônica na Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro: ecos da tradição e novas práticas*. 514f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. A propósito da análise automática do discurso: atualizações e perspectivas. In.: GADET, Françoise; HAK, Tony (Org.) *Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: UNICAMP, 1997. p. 163-179.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso. Tradução de Eni P.Orlandi. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Org.) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 2. ed. Campinas: Unicamp, 1993. p.61-161. Tradução de: *Analyse automatique du discours*, 1969.